

BLOCOS NA AVENIDA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

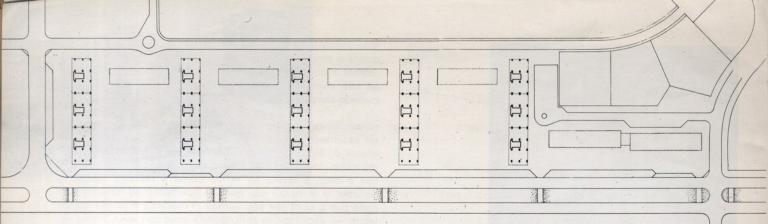
ARQS. MANUEL LAGINHA
PEDRO CID
JOÃO ESTEVES

De entre as conclusões geralmente pessimistas a que se chega pela análise do desenvolvimento registado em Lisboa nos últimos decénios, nenhuma de certo excede em importância a que diz respeito ao próprio carácter inorgânico e formalista desse crescimento, feito em regra pelo processo muito simples de adicionar novas artérias às que já existiam, sem outras preocupações além das derivadas do fenómeno crescente do urbanismo, das necessidades do trânsito, dos condicionamentos topográficos e dos conceitos formais herdados da École des Beaux-Arts.

Reconhece-se hoje que tal método, tornado viável através das regularizações camarárias e concretizado em obras pelo acicate dos lucros por vezes fabulosos da construção civil, deu origem à criação de espaços urbanos progressivamente mais incaracterísticos e menos eficientes, a perder de vista quando comparados com a diversidade e riqueza inventiva de algumas soluções mais remotas que ainda subsistem na cidade — em Alfama, particularmente — e que, além domais, estavam perfeitamente de acordo com as necessidades da sua época.

Pelo contrário, as ruas, tal como as herdámos do século passado, resultam, de um ponto de vista espacial, numa sequência monótona de corredores normalizados, quebrada aqui e ali por uma praça ou por um jardim. Os edifícios, concebidos na submissão às cérceas regulamentares, tornam-se arquitectònicamente no problema por vezes difícil de resolver uma planta já eivada de erros de raiz e de compor uma fachada. Pelo que respeita às habitações, submetidos os prédios ao alinhamento rígido imposto pela via, que segundo os fados pode originar uma fachada virada para qualquer dos pontos cardeais, as suas condições vitais, derivadas em parte de uma insolação insuficiente, são com frequência bastante baixas. Para isso contribuem também a ausência de espaços verdes circundates, os inconvenientes resultantes da proximidade da via, tais como cheiros e ruídos, e as chamadas **traseiras**, lugares muitas vezes insalubres e de péssimo aspecto.

Estes, quase ao acaso, alguns dos inúmeros defeitos de funcionamento imputáveis a este processo de expansão, que o Urbanismo condenou há muito, mas que a rotina tem feito perdurar para lá da lógica e do bom senso. A eles há que juntar o quadro sociolócico que este laisser-faire urbano traduziu,—e por sua vez acentuou—caracterizado fundamentalmente pelo isolamento dos indivíduos e dos agregados familiares, pela mentalidade individualista e pelo enfraquecimento da vida social e comunitária. Sob este aspecto, as zonas mais novas da cidade não permitem comparação com os bairros tradicionais, construídos em épocas de crescimento lento e espontâneo, onde ainda hoje, por razões de carácter social, é certo, mas por força também de um convívio que a própria arquitectura facilita, se manifestam largos sentimentos de entre-ajuda e solidariedade, a par de um localismo saudável que toma forma em agremiações culturais e desportivas pràticamente inexistentes nas zonas de construção mais recente habitadas na maior parte



Planta de Localização

O terreno, limitado a sul pela Av. dos Estados Unidos da América, a norte pela Rua Epifâneo Dias e a nascente e poente respectivamente pela Av. do Aeroporto e pela Av. Rio de Janeiro, abrange uma área total de cerca de 28.600 m². Na sua urbanização foram previstas habitações para uma população de quase

Os blocos agora documentados — dos quais 4 se encontram já concluídos e habitados e o quinto está em construção — ficam situados perpendicularmente à Av. dos Estados Unidos, constituindo com os seus dez pisos de habitações o elemento dominante do conjunto. As unidades menores, indicadas a ponteado, situadas paralelamente àquela Avenida, são de três pisos (r/c. e dois andares). Destas estão já em construção as duas da extremidade nascente do terreno, no lado da Av. do Aeroporto.

Na planta acima nada é indicado do arranjo do terreno, já elaborado pelos arquitectos autores dos blocos mas ainda não aprovado pela Câmara à data a que escrevemos estas linhas. Neste arranjo — a que ARQUITECTURA fará referência na altura própria — previram os autores além do ajardinamento de quase toda a área livre e da criação de vias de trânsito interno para peões (a principal das quais passa por baixo dos blocos principais), alguns serviços de utilidade colectiva tais como creche, biblioteca pública e um campo de jogos para crianças, assim como algumas lojas.

Entre o equipamento da célula estão incluídas duas estações de lixo, (já aprovadas) destinadas a armazenagem diária, situadas nas extremidades do terreno no lado da Rua Epifânio Dias, aproveitando-se para isso o desnível acentuado existente nesses pontos, que permite o despejo directo à pá nas camionetas de lim-

peza vindas pela rua a um nível inferior.

O lixo, despejado nas condutas das habitações e recolhido nos depósitos comuns situados no r/c., será conduzido em carrinhos para estas estações. Assim se pretende evitar o espectáculo ao mesmo tempo inestético e anti-higiénico dos caixotes à porta e facilitar o trabalho de recolha.

pela chamada classe média.

Evidentemente, a tudo isto se pode responder que Lisboa não foi um caso original, que, pelo contrário, foi esta a regra seguida em todas as capitais europeias, e que os erros aqui apontados, que foram em boa parte a consequência das circunstâncias e da mentalidade de uma época, continuam mesmo a ser praticados em muitas cidades, mau grado os progressos feitos na matéria. Tudo isto é verdade (embora constitua pobre consolação), como é verdade que desde há alguns ano se começam também a tentar outros caminhos entre nós.

Desses caminhos foram primeira manifestação digna de interesse alguns núcleos residenciais destinados a habitações de renda limitada, cujos projectos a Câmara Municipal, com critério esclarecido, encomendou a equipa de arquitectos recém-formados. Encontram-se já construídos entre outros os núcleos da Avenida Infante Santo (arqs. Alberto Pessoa, H. Gandra e João Abel Manta) e da célula 8 do Bairro de Alvalade (aras, Formozinho Sanches e Ruy Atouguia), e em vias de construção o da Avenida dos Estados Unidos da América dos arquitectos Manuel Lajinha, Vasconcelos Esteves e Pedro Cid, de que hoje documentamos os blocos principais.

Concebidos como pequenas unidades residenciais, todos eles apresentam lacunas pelo que respeita a orgãos de vida colectiva tal como esses orgãos modernamente se concebem. Faltam jardins infantis, campos de jogos, centros de vida social, e, na ausência de um plano director da cidade que só agora parece em vias de acabamento, falta a integração numa malha coordenadora em que outros serviços fundamentais estejam incluídos

(centros cívicos e comerciais, assistência, ensino, etc.).

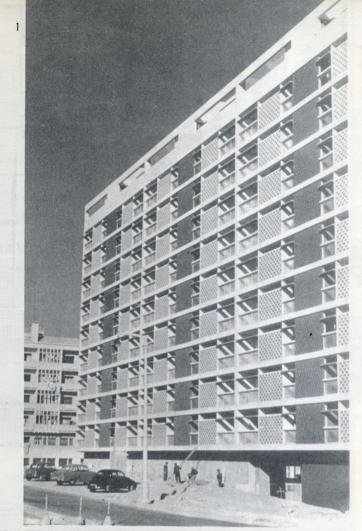
As suas virtudes são porém grandes pelo que restritamente diz respeito aos aspectos habitacionais. Neles se realizou a separação entre a zona residencial e as vias destinadas ao trânsito de veículos, se anularam as traseiras anti-higiénicas e se criaram autênticos logradouros constituídos por faixas ajardinadas de serventia pública. Pela implantação livre dos imóveis foi possível aos autores dos projectos escolher a orientação de fachadas julgada mais conveniente pela análise dos elementos climáticos dominantes (sol, ventos e chuvas), e, finalmente, através de um espaçamento maior entre os edifícios (no caso agora tratado esse espaçamento é de cerca de 60 m), criar condições de desafogo e intimidade superiores às que se observam na maioria das ruas de Lisboa.

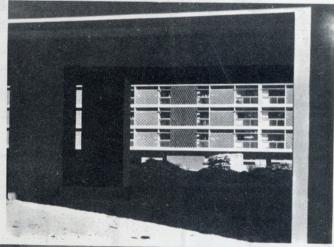
Por outro lado, a elaboração coniunta dos edifícios deu àqueles arquitectos a possibilidade de uma verdadeira composição espacial e volumétrica, de que resultaram em

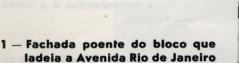
qualquer dos exemplos citados apreciável unidade e equilíbrio formais.

No caso dos blocos da Avenida dos Estaduos Unidos da América publicados neste número de Arquitectura, são estas as qualidades mais imediatas a notar. Quem deles se aproxima vindo da Avenida do Aeroporto ou da Avenida de Roma fica desde logo agradàvelmente impressionado com a leveza e transparência do conjunto, isto não obstante as grandes dimensões das fachadas viradas no sentido dessas avenidas (cerca de 70 m de largo por 36 m de altura). Para tal contribuem a sobrelevação dos primeiros andares em relação ao terreno, do que resulta o rés-do-chão ser formado apenas pelos núcleos de entrada e pelos pilares, (solução que embora banalizada não deixa neste caso de se justificar), a proporção harmoniosa dos volumes e o tratamento cromático dos alçados, pensado como um todo em relação aos três prédios que formam cada bloco, o qual é sóbrio e extremamente equilibrado. Os autores do projecto souberam aqui tirar especial partido das faixas verticais das zonas de estendal e das caixas das escadas, marcadas com grelhas de cor diferente, assim como do jogo de planos resultante do recuo das zonas de estar e de serviço das habitações, que serve para acentuar a transparência do todo e estabelecer contrastes nítidos de luz e sombra. Igualmente feliz foi a acusação nas fachadas das lajes dos vários pisos, o que, além de acentuar o sentido horizontal da composição, fornece a esta o elemento métrico dominante, a escala de relação com o observador.

Quanto à solução espacial do conjunto, é ainda cedo para apreciar o resultado final, visto não terem sido ainda construídos os blocos em três pisos intercalados nos maiores e a eles perpendiculares, que ficarão situados no enfiamento das caixas de escada dos prédios do extremo norte. Não há dúvida no entanto que nesse resultado jogarão boa parte as alterações propostas ao projecto inicial de urbanização pelos autores e que a nosso ver o virão grandemente beneficiar. Foram elas o desaparecimento de um dos blocos maiores — a que correspondeu o aumento de um piso nos restantes — e o «descolamento» dos blocos menores, que passarão a ficar separados daqueles, ao contrário do que estava originalmente estabelecido. Todas estas alterações, juntas à supressão do rés-do-chão nos blocos construídos, hão-de conduzir òbviamente a uma maior amplidão dos jardins e a uma maior fluidez espacial, que ajudará a atenuar o peso das construções mantendo embora as virtudes ambientais de um espaço limitado por três lados.

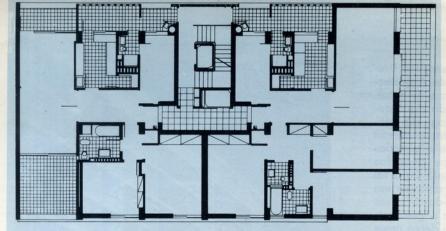




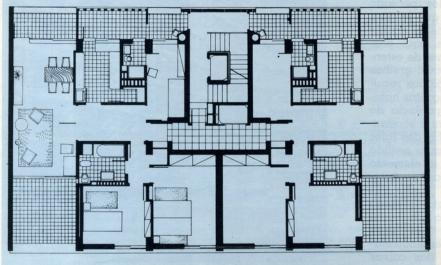


2 — 3 — Duas vistas do piso térreo sob um dos blocos.

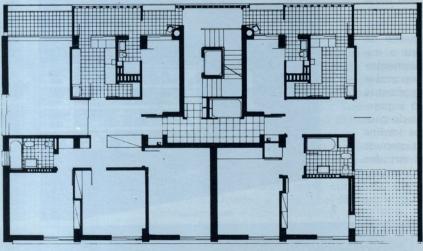




planta-tipo do prédio do topo sul



planta-tipo do prédio intermédio



planta-tipo do prédio do topo norte



planta do andar recuado de um dos prédios

Por exigência do programa cada bloco é formado por três prédios com dez pisos de habitações. Estas começam em todos os casos no 1.º andar sendo o piso térreo constituído apenas pelas entradas e condutas e núcleos de comunicações vertical, com excepção do bloco que ladeia a Av. Rio de Janeiro onde foram previstas algumas lojas.

Em cada andar-tipo existem duas habitações constituídas por sala comum, dois quartos, casa de banho, cozinha, estendal e despensa, quarto para criada e casa de banho anexa. Nas habitações dos topos norte e sul existe mais um quarto.

No último piso fica situada a casa da porteira e uma habitação de área menor, em que foram excluídas as dependências da criada, e um grande estendal comum colocado de forma a ficar sob constante vigilância da porteira.

Como as notas de interesse especial há a registar a existência em todos os quartos de amplos roupeiros, a ventilação forçada das casas de banho (aliás iluminadas com luz natural), e as condutas de lixo de que já falámos atrás. Nos quartos é também de referir o cuidado posto na posição das janelas, colocadas na extremidade sul de maneira a proteger a dependência de nordeste e incluindo ventilação superior.

Os acabamentos interiores são modestos (o que não é de surpreender dado o limite orçamental de 800\$00 por m² a que os arquitectos se tiveram de submeter). Com excepção das zonas de serviço e casas de banho, que são revestidas de azulejo até à verga das portas, todas as dependências são estucadas a cinzento e creme. Os pavimentos são de tacos de pinho e de mosaicos hidráulicos.

Nas entradas do andar térreo foram utilizados paineis de madeiras exóticas; as cabinas dos elevadores, desenhadas também pelos autores do projecto, são revestidas a ultrapas.

Quanto à estrutura, foram empregados pórticos de betão armado, reforçados pelas empenas de cada prédio. É esta função resistente que justifica o facto das fachadas sul dos blocos serem relativamente fechadas, ao contrário do que os autores desejariam.

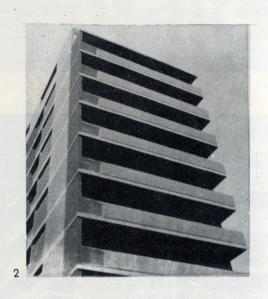
Finalmente, as rendas relativas a estas habitações foram estabelecidas como segue: habitações intermédias: 750\$00; topo norte: 850\$00; topo sul: 930\$00; andar recuado: 650\$00.

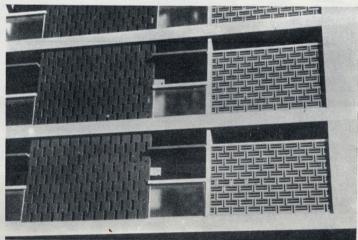
- 1 Fachada poente de um dos blocos.
- 2 Vista do topo sul de outro bloco
- 3 Pormenor de fachada mostrando as grelhas que acusam a zona de estendal e a caixa da escada.
- 4 Pormenor do estendal onde se pode ver a inclinação da grelha que, dificultando as vistas do exterior, permite à mesma a fácil entrada dos raios solares

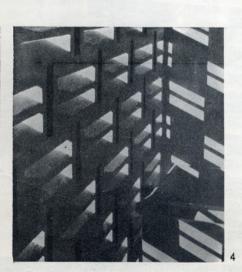


No que respeita à solução das habitações dos blocos maiores, elas são na sua totalidade cuidadas e de funcionamento eficiente, embora sugeitas às limitações geradas pelos condicionamentos orçamentais, que não impediram no entanto a solução de muitos problemas, nomeadamente a ventilação forçada das casas de banho, a criação de tubos de queda colectivos para lixo e o arranjo inteligente das cozinhas e dos estendais da roupa, resguardados por grelhas de elementos de betão estudados de forma a dificultar as vistas do exterior.

Outro aspecto aqui também a registar é o do cuidado posto pelos autores do projecto na pormenorização dos elementos construtivos de interesse especial (núcleos de comunicação vertical, caixilharias, armários, etc.), detalhados numa série considerável de desenhos fornecidos à obra, de que resultou evidentemente a boa qualidade observada nesses elementos, que só não foi melhor por virtude do nível de execução ser por vezes bastante baixo. Igualmente de registar (e louvar) a larga assistência e fiscalização exercida pelos arquitectos durante a obra, a que de certo se deve o relativo cumprimento do que estava previsto no projecto.







3

Neste já longo escrito deixámos para o fim a crítica a alguns aspectos do projecto que se afiguram quanto a nós mais discutíveis. Um deles diz respeito à orientação dada aos blocos (sensìvelmente segundo um eixo norte-sul) de que resultam as esposições nascente e poente das fachadas maiores.

Tem esta orientação o defeito de propiciar a irregularidade de insolação durante o ano, sendo aquelas fachadas mais frias no inverno e mais quentes no verão que as equivalentes sul, sudeste e sudoeste. Estas duas últimas orientações parecem no nosso caso especialmente indicadas, porque evitam os inconvenientes de uma exposição oposta francamente norte derivada da primeira (1).

Com isto, note-se, não pretendemos afirmar que qualquer edificio deva necessariamente ser orientado desta maneira—o que seria absurdo de um ponto de vista formal—, até porque outros factores fundamentais são também de ter em conta, nomeadamente os de ordem topográfica, os que se referem à descrição anemoscópica da zona tratada e mesmo (e porque não?), os que dizem respeito à volumetria e ao espaço a criar.

No entanto, dada a importância de que se reveste a insolação nas habitações, e desde que outros factores aconselhem a escolha de solução diferente daquelas, existe sempre a possibilidade de **movimentar** uma fachada na direcção do sol, qualquer que seja o eixo do imóvel. Foi isso o que fez Moretti, no exemplo clássico da Casa do Girassol, em Roma.

No exemplo presente, em que a orientação geral não é inteiramente satisfatória, essa seria de certo uma hipótese a ter em conta. O segundo reparo diz respeito ao tratamento das zonas de estar e comer das habitações.

No caso mais vulgar das habitações intermédias, a área reservada para esse fimf oi de 7.0×3.30 m, a que se somam os amplos terraços cobertos dos lados nascente e poente da sala, desta separados por envidraçados, tudo isto resultando num rectângulo final de 12.60×3.30 m. disposto transversalmente em relação aos blocos.

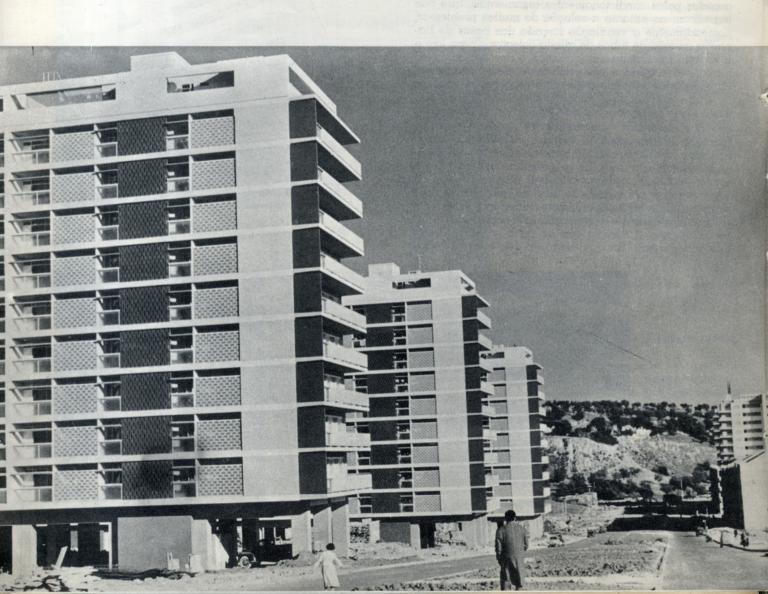
Embora a forma larga como o problema foi encarado seja de louvar, a solução adoptada não nos parece feliz. Na verdade, o espaço criado, um paralelipipedo alongado aberto nos topos, resulta pobre e falho da intimidade que é lícito exigir de uma sala onde se passa grande parte da vida familiar, além de ser manifestamente difícil de compartimentar e mobilar.

É certo que a sensação de desconforto que deriva das duas paredes de vidro fronteiras pode em qualquer altura ser atenuada pelo simples processo de correr os estores tipo **Kirsh** que houve o cuidado de prever. Mas mesmo assim...

Outro ponto discutível — parece-nos — resulta da grelhagem de elementos vasados de betão empregada para acusar as caixas de escadas nas fachadas viradas a poente.

Apresenta esta solução o inconveniente de no inverno poder transformar estas em locais agrestes, sugeitos ao frio e à entrada da chuva. Isto é tanto mais de temer quanto é certo ser justamente de sudoeste que sopra o chamado vento da barra, que é com frequência acompanhado de aguaceiros.

Finalmente, e fora já do âmbito da crítica ao projecto agora apresentado, um comentário se nos oferece





A fotografia da esquerda mostra-nos a fachada poente de um bloco. As faixas horizontais que aí acusam os pavimentos são revestidas com lioz; as grelhus de elementos de betão dos estendais e das caixas das escadas são pintadas respectivamente de azul-escuro e castanho-claro; as palas das salas de estar são pintadus de castanho-escuro; os septos são revestidos a marmorite, em que a cor é dada apenas pela pedra; as cortinas das varandas das zonas de estar são de vidro aramado.

Na fachada nascente as faixas correspondentes aos panos de peito das janelas são revestidas com mosaico vítreo Evinel, em lotes castanhos nuns casos e azuis noutros; como na fachada contrária, as cortinas das varandas são de vidro aramado; as lages e septos são de marmorite; os pilares, cuja robustez aparente resulta do facto da estrutura ter sido calculada contra ventos e sismos, foram pintados com uma tinta plástica resistente ao choque e ao tempo de tom castanho-acinzenta lo.

No tratamento das fachadas tiveram os arquitectos sempre em atenção o facto de cada bloco ser constituído por três prédios, cuja edificação possívelmente seria levada a cabo por construtores diferentes, daí podendo advir, como outros exemplos têm demonstrado diferenças na textura e cor dos muteriais empregados capazes de comprometer a concepção unitária de cada bloco. Por esse motivo, e sendo óbviamente mais difícil uniformizar as pinturas, foram estas empregadas com parcimónia e quase sempre em superfícies recuadas, tendo-se preferido utilizar materiais naturais como a pedra ou feitos em fábrica como o mosaico vétreo, aconselháveis pela sua fácil uniformização e também pela sua durabilidade.

Uma outra preocupação dos autores do projecto consistiu em escolher materiais de utilização corrente e cuja aplicação não exigisse mão de obra especializada, isto tendo em conta os condicionamentos orçamentais e a baixa preparação tecnológica

da m vioria do nosso pessoal da construção civil.

Pormenor curioso e revelador: as maiores dificuldades surgidas resulta am justamente da aplicação da pintura dos pilares, feita com tinta plástica de uso pouco comum em obras deste tipo.



sobre o que está a acontecer na Avenida dos Estados Unidos da América.

Nessa artéria — que segundo parece foi considerada como campo experimental para novas soluções — estão em construção e projectados alguns núcleos residenciais que, — pelo que dissemos acima e agera novamente acentuamos — representam, sob um ponto de vista habitacional, inegável progresso em relação ao que se tem vindo a fazer em Lisboa. Esta constatação não implica porém aceitação simples sem discussão do que ali está feito e por fazer. Muito pelo contrário, tal discussão terá que ser encetada, e quanto antes, se se pretende progredir numa matéria em que tanto atraso temos demonsirado.

Assim — e limitando por agora a crítica a um único ponto — não nos parece já aceitável, tendo em conta os dados sociológicos e psicológicos do problema, que a solução habitacional possa ser encarada através do método generalizado da construção de grandes blocos, como naquela via está a acontecer.

Cite-se um exemplo para melhor compreensão do que dizemos: No arranjo de Vallingby, em Estocolmo, as torres de oito andares que volumètricamente acusam o centro social e comercial do agregado foram reservadas a apartamentos para solteiros e casais sem filhos. Pelo contrário, as casas destinadas a casais com filhos, submetidas no seu contexto espacial ao princípio de Radburn, foram limitadas a três ou quatro pisos, e isto, entre outras boas razões, para permitir que as n.ães possam, enquanto trabalham em casa, vigiar os filhos que brincam nos terrenos em frente, que não são jardins pinocas com repuxos, bancos incómodos e canteiros para ver, mas autênticos locais de repouso e recreio para crianças e adultos.

Quer dizer: a solução adoptada surgiu como resultante de uma visão que, embora não ausente de preocupações estéticas, teve determinantemente em conta as premissas comunitárias e os valores humanos em jogo. A forma arquitectónica ordenada por uma planificação urbana metódica seguiu aqui a função no que esta tinha de mais geral e mais particular.

Coisa excelente seria cultivarmos tal espírito entre nós, onde a arquitectura é com tanta frequência resultado de um puro conceito formal, quando não um simples elemento valorizativo na mecânica dos juros ao ano que rege o «negócio» de habitação.

Carlos S. Duarte

(1) — Fazendo base nas medidas actinométricas de A. Henry e Marboutin e seguindo os métodos de Walter Schwagenscheidt chega-se a duas direcções óptimas que fazem respectivamente 20 graus sobre a linha leste-oeste e 25 graus sobre a linha norte-sul.

